



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PABLO JUAN GRECO II

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-353

Entrevistado: Pablo Juan Greco

Nascimento: 18/07/1952

Local da entrevista: ESEF-UFRGS

Entrevistadoras: Suélen de Souza Andres e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 04/07/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: e Pesquisa: Suélen de Souza Andres e Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 37 minutos e 28 segundos

Páginas Digitadas: 14

Observações:

A entrevista foi revisada pelo entrevistado que realizou pequenas alterações.

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Suélen de Souza Andres com temática sobre o handebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul, desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória do entrevistado no handebol; Primeira competição feminina; Primeiro contato com o presidente da Confederação; Capacitação de professores de handebol; Encontro dos professores da disciplina Handebol dos cursos de Educação Física; Publicação do livro Manual do Handebol; Estruturação do Handebol nacional; Campeonatos e a possibilidade de enviar jogadores para o exterior; Perspectivas de progresso da seleção feminina e da seleção masculina; Campeonatos escolares; Incentivo e visibilidade da modalidade; Processo de profissionalização; Situação das Seleções brasileiras nos Jogos Olímpicos; Contatos do Handebol; História do Handebol no Brasil.

Porto Alegre, 04 de julho de 2013. Entrevista com Pablo Juan Greco cargo das pesquisadoras Suélen de Souza Andres e Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.G. – A minha trajetória no handebol começa na Argentina. Eu comecei a jogar handebol quando estava na escola e depois, quando fui cursar Educação Física, Alfredo Miri, que foi um dos introdutores do handebol no continente, me convidou a jogar na equipe do Instituto Nacional de Educação Física (INEF). O professor Miri começou a divulgação do handebol na Argentina, levou para o Uruguai, para o Chile e esteve várias vezes no Brasil. O contato do professor Miri aqui no Brasil era como professor Lincoln Raso, da Universidade Federal de Minas Gerais. Estou te falando do início dos anos 1970 que é o momento em que o handebol toma, digamos assim, um pouco de força aqui no Brasil e na Argentina. Então, o meu contato, minha trajetória inicia como jogador nas categorias de base do clube River Plate¹; depois eu fui jogar handebol na equipe do professor da aula de Educação Física e trabalhei como treinador em vários clubes e escolas. Trabalhei como treinador em equipes da segunda divisão, trabalhei como treinador de equipes da primeira divisão, trabalhei como treinador de seleções de categorias de base, cadete e juvenil na Argentina. Eu fui durante quase dez anos diretor de competições intercolégiais na Argentina e quando eu assumi a direção de torneios intercolégiais não tínhamos handebol feminino a nível competitivo escolar; durante esses dez anos de trabalho, junto com a professora Susana Lorenzo, que era jogadora de handebol no INEF na Argentina, nós fizemos a primeira competição feminina escolar. Depois de dez anos de trabalho nós tínhamos mais de cento e cinquenta escolas trabalhando com o handebol em três categorias diferentes, categoria dos catorze, catorze dezesseis e dezesseis a dezoito anos, e essas categorias ainda eram para jogadores não filiados à Federação e a equipes que também poderiam ter jogadores filiados; então, nós tínhamos duas categorias dentro de cada faixa etária: os que eram somente escolares e aquelas equipes que também tinham jogadores que jogavam em clubes. O torneio se dividia em diferentes fases, como no mínimo 4 equipes para cada momento. As fases eram, sub-local, local, zonal, e regional, todas considerando escolas da Capital federal e da região denominada de grande Buenos Aires.. Nós tínhamos mais ou menos cento e cinquenta instituições, colégios participando desse torneio

¹ Time de handebol da Argentina.

intercolegial, o que permitiu uma divulgação ampla da modalidade na Capital Federal e na Argentina quando da realização das competições nacionais. Com o handebol Brasileiro meu primeiro contato foi no campeonato mundial estudantil, em 1985, na Alemanha, onde estava estudando. Com a Confederação Brasileira de Handebol eu me relaciono pela primeira vez em 1986, no Campeonato Mundial na Suíça onde eu tive a oportunidade de conhecer o atual presidente da Confederação Brasileira de Handebol². Eu estava como observador, como analista do Campeonato Mundial na Suíça, trabalhando para uma revista da Argentina (Stadium) e ele tinha ido ver o campeonato porque o Brasil tinha qualificado pela primeira vez para participar do Campeonato Mundial B. Naquela época nós tínhamos duas categorias de campeonato: Campeonato Mundial A, Campeonato Mundial B, tanto no masculino quanto no feminino. Esse Campeonato Mundial B, Brasil participou somente com o masculino. a primeira participação do Brasil, se eu não estou errado foi em 1987, ou 1989 e o que levou a equipe foi o professor Luiz Celso Giacomini, daqui de Santa Maria, da equipe masculina. Então, o meu primeiro contato foi em 1986. Depois, em 1987, fui convidado para ministrar uma palestra sobre percepção no handebol (tema do meu mestrado) no Seminário Internacional de handebol, em Curitiba, organizado pelo Prof. Miranda, ex-presidente da federação Paranaense de Handebol, e professor do CEFET de Curitiba, junto com os professores Mario Rodinski e outros, que fizeram ao desenvolvimento do handebol nesse estado. Quando eu chego no Brasil, eu fui contratado como professor visitante na Universidade Federal de Minas Gerais, depois fiz concurso na Federal de Minas na área de handebol e desde essa época eu venho trabalhando com a Confederação em cursos de capacitação de professores. Durante um tempo eu trabalhei na elaboração da proposta de formação de treinadores; a Confederação brasileira tem uma escola de treinadores e o projeto de formação de treinadores foi desenvolvido lá em Minas Gerais. Eu fui o coordenador desse projeto no que se refere a sua idealização, sua concepção, mas que ainda precisa ser implementado de forma ampla. Hoje em dia a Confederação Brasileira de Handebol realiza uma ação de integração entre a Confederação ou aquilo que seria o esporte federado, competitivo etc. com a academia, denomina-se de “Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras” Este evento pioneiro e único no Brasil, é realizado todo ano, já tem onze edições, onze anos que isso vem sendo realizado. Nele, os professores da disciplina

² Manoel Luiz Oliveira.

Handebol dos cursos de Educação Física do país, e os representantes da Confederação Brasileira (treinadores nacionais, e internacionais, corpo técnico, etc.) se reúnem durante três dias – geralmente. Nesse momento impar, - no qual trocamos informações. Basicamente os treinadores das seleções vêm e fazem seus aportes, fazem suas contribuições em relação a como é que está a posição do Brasil no contexto internacional, consequências para os processos de formação etc. A gente trabalha também em cima de programas das disciplinas de handebol, formas de avaliação da disciplina de handebol, conteúdo, etc. E isso culminou no ano passado, em 2012, quando nós publicamos o livro que intitula Manual de Handebol³, feito em integração com o professor da Universidade de La Corunã, na Espanha, que é o coordenador da formação de treinadores na Espanha, o Professor Juan Fernandez Romero. Nesse livro nós temos, não lembro bem, uns vinte e tantos capítulos. A ideia desse livro foi que ele seja um livro básico para os alunos dos cursos de Educação Física no Brasil, então, além do aspecto da técnica, de como ensinar a técnica, quais são as técnicas, como ensinar técnica, quais são as táticas, como ensinar a tática, nós temos um capítulo sobre a história do handebol, que foi escrito pela professora Heloisa⁴. Eu fui o coordenador dessa obra junto com o professor Romero: tem um capítulo sobre história do handebol, tem um capítulo sobre handebol de praia, tem um capítulo sobre metodologia do ensino dos esportes, tem um capítulo sobre formação de jogadores, tem um capítulo sobre lesões, tem um capítulo sobre preparação física, tem um capítulo sobre preparação psicológica, enfim, a obra não é uma obra onde você encontra exercícios para treinamento do passe etc. Ao contrário, é uma obra na qual você tem todos os aspectos que seriam importantes para um aluno do curso de Educação Física conhecer sobre a modalidade. O que não tem, por exemplo, é regras, sobre isso tem especificamente o livro de regras... Mas foi uma das obras publicadas, sem fins lucrativos, que eu tenho realizado com muito prazer, na base do relacionamento na Confederação. Este ano nós vamos fazer o décimo segundo encontro, provavelmente vai ser em novembro, na segunda ou terceira semana de novembro; esse encontro ele sempre é rotativo, já tivemos em Florianópolis, em Santa Catarina, no Paraná, em Recife, em Maceió, em vários locais do Brasil, sendo que esse ano provavelmente seja no Espírito Santo, na Universidade Federal do Espírito Santo⁵. Em relação à estruturação do handebol nacional, nos últimos oito/dez anos, digamos assim,

³ Manual de Handebol: da iniciação ao alto nível. Publicado em 2012 pela Editora Phorte.

⁴ Heloisa Helena Baldy dos Reis.

⁵ Universidade Federal de Espírito Santo.

o handebol passou realmente por uma reformulação bastante grande do ponto de vista administrativo da Confederação. Ela criou um perfil profissional um pouco mais claro, mas lamentavelmente a prioridade da Confederação foi especificamente as seleções nacionais. Para assumir a organização e estruturação das seleções se trataram duas questões: uma os campeonatos, de como seria o campeonato das ligas adultas e, particularmente, a possibilidade de enviar jogadores do Brasil para colocar jogadores do Brasil no exterior. Então especificamente no caso do feminino, a maioria das jogadoras hoje que fazem parte da seleção brasileira está jogando em equipes de alto nível do exterior; isso mostra também a evolução por um lado do handebol feminino, apresenta também como ponto positivo ara o handebol feminino já que este evolui a medida que as jogadoras evoluem, lamentavelmente, fora do Brasil. Então as nossas seleções melhoraram muito porque nossos jogadores estão jogando fora. O problema é que nós não temos aqui no Brasil um campeonato tão competitivo, não oferecemos a elas e a eles também um campeonato tão competitivo como oferecem as possibilidades que elas têm quando estão jogando fora. Então a Liga que foi a concepção a partir da qual isso melhorou a estruturação do handebol e o resultado, logicamente, o patrocínio, o apoio, divulgação etc., tem seu ponto positivo, tem seu ponto negativo no sentido de que nosso campeonato não é tão bom porque nós não temos grandes equipes, mas também não temos grandes patrocinadores, enfim, um ciclo difícil de quebrar, um ciclo vicioso extremamente difícil de quebrar. Mas a Confederação tem feito esforços, tem melhorado bastante, o problema é que no ano passado quando foi organizado o Campeonato Mundial Feminino não houve um apoio, os contratos com a televisão não foram cumpridos e hoje a Confederação Brasileira tem uma dívida com a Federação Internacional de Handebol por causa desse Campeonato, o que pode vir a afetar no futuro esse plano de desenvolvimento. Mas essa é uma questão pontual, que não abala todo o processo de desenvolvimento. Na realidade houve um problema de contrato e não foi a Confederação que errou, mas o representante é a Confederação; ela que teve que assumir o prejuízo, então, teve que assumir junto com a Federação Internacional. Mas o handebol realmente se estruturou bastante bem nos últimos, a gestão do atual presidente tem sido-mesmo estando a bastante tempo no exercício da função- não somente a nível de seleções, tivemos muitas ações de intercambio com treinadores da Espanha, o que sem duvidas influenciou o desenvolvimento de nossos professores-treinadores. Por outro lado, outro fato importante consiste em que, por exemplo, não saberia te dizer com precisão, mas

vamos calcular uma data assim, nos últimos oito anos, dez anos o Brasil tem participado de todos os Campeonatos Mundiais em todas as categorias, ou seja, a participação do Brasil tem crescido. Hoje nós temos campeonato juvenil, júnior e adulto e foi realizado um de cadete pela primeira vez e todo o Brasil participou no masculino e no feminino, o que é um esforço econômico muito grande, o Brasil tem participado. Por outro lado, nos últimos dez anos, no ano passado não, mas até 2010 praticamente, que de 2000 a 2010 o Brasil organizou todos os Campeonatos Pan-americanos aqui no Brasil, então, vieram equipes do Paraguai, da Argentina, Uruguai, etc. de toda América do Sul, bem como da América Central para participar dos campeonatos realizados aqui. Tem a vantagem de você ser local sim, mas você tem, do ponto de vista econômico, um esforço muito grande que foi feito. Mas é uma estruturação que mostra que há por parte da Confederação uma característica positiva de interesse em que o esporte desenvolve, evolui, etc. E principalmente no nível de Comitê Olímpico Internacional, os resultados que o Brasil tem conseguido, tem sido altamente positivo. O Brasil hoje no feminino tem melhores perspectivas de progresso do que no masculino. No masculino o círculo é mais fechado e as equipes têm muito mais história e experiências, que é o que nós ainda não temos no momento, então, o Brasil hoje estaria entre digamos assim, entre os vinte. Difícil de entrar entre os primeiros seis, não é impossível, mas é difícil entrar no masculino entre os primeiros seis. Já as mulheres estão entre as seis melhores, já estão nesse ciclo há mais tempo e as condições delas ficarem ali e ir, por exemplo, ir para a medalha são mais palatáveis que no masculino, agora vamos saber como isso acontece na Olimpíada porque o Brasil é local e vamos ter as duas equipes. Vantagem que a nossa equipe vai jogar pelo fato de ser país sede, desvantagem que não participa nos processos classificatórios, então, você tem menos volume de jogo, menos experiências de jogo, mas como as jogadoras estão jogando no exterior, no feminino, no masculino não são tantos jogadores. E mais, com a crise europeia agora, isso pode vir a afetar também, porque muitos jogadores poderão voltar, vamos saber como é que funciona. Mas o handebol tem se estruturado muito bem nesse sentido, nos falta uma continuidade no processo de formação de treinadores, ali ainda tem que se trabalhar bastante, tanto no masculino quanto no feminino. Handebol escolar o Brasil está muito bem, a nível internacional. Nos campeonatos escolares o Brasil tem ido bem, se eu não estou errado a professora Cláudia⁶ que é de Balneário Camboriú, classificou a equipe em

⁶ Cláudia Monteiro do Nascimento.

terceiro ou quarto lugar no último campeonato escolar no masculino; no feminino acho que dois anos atrás ela também tinha conseguido um resultado parecido. Mas isso, acho que na própria Federação Internacional eles te informam...

S.A. – Eles têm todos os dados ali.

P.G. – Em relação ao incentivo, visibilidade, o handebol aqui, a prática das duas modalidades têm tido praticamente o mesmo desenvolvimento. O handebol feminino no Brasil, curiosamente, se desenvolveu muito rápido e com muita qualidade, mas ainda é mais fácil se obter patrocínio para equipes masculinas do que para equipes femininas. Em relação a incentivos continua sendo mais fácil para o masculino do que para o feminino e a visibilidade a mesma coisa. Porém, as equipes femininas têm obtido melhores resultados que as equipes masculinas, mesmo assim, do ponto de vista de visibilidades, do ponto de vista do incentivo o masculino continua tendo facilidades, mas foi o feminino que tem mais visibilidade, digamos, tem obtidos melhores resultados, mas isso não se reverte em patrocínio, etc.

C.M. – Os patrocinadores dizem alguma coisa, qual o motivo assim?

P.G. - Eu acho que isso é um problema cultural no Brasil em geral, esportes...

C.M. – A Confederação procura igualmente os patrocínios?

P.G. – Sim, sim. E geralmente a Confederação fecha patrocínio para a Confederação e não para uma equipe, é uma forma também de evitar esse tipo de situações. O processo de profissionalização no handebol é muito lento, está muito lento. Nós temos uma situação curiosa porque nós temos jogadores que têm bons rendimentos, mas ainda não há uma profissionalização no sentido de uma dedicação exclusiva; há uma integralização nesse sentido, e esse processo está lento, por um lado porque o esporte não tem a visibilidade, etc... Se você pega a mídia você não vai encontrar muitas notícias, você não encontra praticamente nunca notícias de handebol. Lamentavelmente a mídia hoje está muito focada - futebol é religião - então está fora, mas a mídia está voltada ao voleibol e muito para o

futsal. E aparece sempre outro tipo de modalidade tipo, por exemplo, as lutas, essas MMA. E o tradicional como handebol fica um pouco de fora. Então, esse processo de profissionalização não acontece como acontece no handebol, por exemplo, os valores são totalmente diferentes em relação a montantes, a valores pagos. Por outro lado o retorno que o atleta dá, ele é muito mais limitado no sentido de que, como eu não tenho apoio total, não posso fazer disso a minha profissão, também eu não posso me dedicar exclusivamente a isso... esse pensamento de certa forma atrapalha o rendimento.

S.A. – O que o Renato Arena tem comentado é o que o handebol ocorre muito nas Universidades; algumas Universidades que tem times de handebol e acabam oferecendo bolsas de estudo e uma manutenção para que elas joguem pela Universidade.

P.G. – É, mas isso não acontece somente em nível universitário; isso também acontece em nível de clubes, então, por exemplo, se tem a Metodista que é uma Universidade, mas também é uma escola de primeiro e segundo grau, onde ela tem um poder econômico muito grande e ela atrai jogadores. Também tem o caso de Maringá. Tem o pessoal de Maringá, mas em Maringá tem... Perdão é em Londrina! Em Londrina tem o pessoal da Universidade também no masculino, o Professor Arena trabalha com o feminino, mas não é somente universidade, existem clubes escolas. Os clubes, por exemplo, tem associações com escolas particulares e são essas escolas particulares que chamam os atletas, dando bolsa de estudo, etc.

S.A. – Ah sim, que faz a base para...

P.G. – É, fazem a base e ai tem a equipe de alto rendimento. Ou seja, isso não é um problema somente no adulto, isso também se apresenta como uma relação problemática para as categorias de base. Muitos clubes têm convênio com escolas particulares e as escolas têm as equipes e as equipes jogam com o nome da escola e do clube mas, na verdade, os clubes não formam jogadores, ou as escolas associadas muitas vezes chamam jogadores para vir a jogar dando bolsa etc. Isso tem sido um ponto negativo para o handebol, em Minas Gerais, por exemplo, isso acabou com o handebol na sua prática competitiva, porque duas ou três escolas fortes “compravam” os melhores jogadores,

dando bolsa de estudos, etc. e acabou que, quando essas escolas decidiram não ter mais a política de incentivo ao esporte, os jogadores não tem outro clube para ir jogar; então, hoje, nas categorias de base no estado de Minas Gerais você não tem praticamente clubes, ou escolas-clube e esse é um dos grandes problemas do handebol. Nas categorias de base, nas categorias de formação, na maioria dos estados, são poucos os clubes e o handebol escolar –em geral- não tem a qualidade necessária ou adequada, a não ser daqueles que tem clube ou escola-clube, que tem um incentivo, etc. e chamam ou integram seus jogadores com os dos clubes. É uma questão bastante complicada. Eu acho que esse processo de profissionalização está muito, mas muito mal conduzido e é muito dependente de cada estado, o que é a situação da modalidade no estado. O ponto em relação ao esporte olímpico, relaciona-se no handebol escolar como base para uma qualificação técnica das equipes. Em relação a resultados nos próximos anos Eu acredito que o feminino esteja com mais chances que o masculino, mas não significa que o masculino não tenha chances de estar entre os oito primeiros. Mas vai ser muito difícil o masculino ficar entre os quatro, enquanto que para o feminino a possibilidade de ficar nessa próxima Olimpíada entre os quatro é maior, pelo que tem se mostrado até agora, mas o masculino tem evoluído muito nos últimos tempos, já conseguiu entrar entre os doze, catorze melhores. Então ele tem condições, mas uma coisa que você tem que observar é a seguinte,: dos seis que lutam por medalha, por três medalhas, dos seis que vão entre os seis ao décimo segundo, as diferenças de rendimento são muito pequenas. Então, ai nós já temos seis mais seis doze, mais seis que estão ali no meio, nos grupos, que às vezes pela constituição ou sorteio deles se eliminam entre sim, então você tem que considerar praticamente catorze a dezoito equipes lutando pelas doze primeiras posições. Agora, quando você vê como isso funciona do ponto de vista europeu, seis equipes europeias praticamente que as quatro primeiras posições elas vão levar, muito difícil quebrar essa hegemonia pela qualidade das equipes de lá. Mas também tem toda uma história, tem todo um processo de competição. Só para você ter uma ideia, isso os anos mudaram um pouco, mas eu lembro muito bem que em 1987, quando o Brasil jogou pela primeira vez no Campeonato Mundial B, que eu te comentava, o goleiro da seleção alemã, tinha sozinho mais jogos internacionais que todos os jogadores da seleção brasileira; ele tinha quase o dobro dos jogos internacionais que todos os jogadores da seleção brasileira. Tudo bem, estou falando de vinte anos atrás, mesmo assim isso não mudou muito. Hoje pode ser que um jogador não tenha tantos, que

um só consiga, mas ainda nós temos uma desvantagem muito grande no ponto de vista de participação internacional, muito longe, custa muito caro apoiar.

S.A. – Não se tem uma iniciativa de fazer que como foi feito com as mulheres de se mandar esses homens para a Europa...

P.G. – Tem, mas é mais difícil porque pesam diferentes aspectos, desde biotipologia a língua a ser aprendida... Lamentavelmente, o jogador europeu ele tem um potencial de qualidade melhor do que o nosso por enquanto. Por enquanto nós temos, por exemplo, um ou dois jogadores que estariam em condições de jogar lá e nas mulheres tem seis a dez. A proporção de mulheres é maior que a do masculino, mesmo que a qualidade no masculino seja muito grande, é um problema de biotipologia e de qualidade técnico-tática, particularmente defensiva. Então, pensando nessa qualificação técnica da participação do Brasil eu acho que agora na Olimpíada⁷ pode vir a ser o momento de uma quebra, digamos assim, de um diferencial. O Brasil tem mais condições de lutar por medalha no feminino do que no masculino, mas o masculino pode vir a surpreender também; eu acredito que o masculino esteja mais em um primeiro momento para brigar pelas seis primeiras posições do que por medalha, posso errar, espero errar também. É necessário que o Brasil tenha mais visibilidade internacionalmente como seleção. Olha, eu acho que nós temos dois problemas: por um lado é a um problema de longo prazo, que é uma mudança da concepção do ensino dos esportes nas escolas e uma política de apoio ao desenvolvimento do esporte na escola. Sem isso nenhuma modalidade vai ter sucesso porque hoje, no Brasil, o esporte não está no clube, o clube é caro, o clube custa muito, então o desenvolvimento das modalidades como o handebol e o futsal, etc., passa por um desenvolvimento na escola e eventualmente até da criação do clube escola, não sei, si seria a melhor opção, mas uma proposta. Mas para ter mais visibilidade de projeção eu acho que em longo prazo, o passo é uma melhoria no sistema de formação de jogadores, pensando isso também na escola. Mas isso traz em paralelo a formação de treinadores e não adianta você ter bons jogadores na escola se eles não tem as pessoas que poderão encaminhá-los; nós precisaríamos pensar uma mudança no sistema de formação de jogadores e uma mudança no sistema de formação de professores e treinadores. De professores para a escola para tratar o tema do

⁷ Jogos Olímpicos de 2016, Rio de Janeiro.

esporte na escola como importante meio da formação da personalidade via aulas de educação física, onde não somente se ensina esporte- e também do professor do treinador no clube, para dar sequência a esse trabalho que possa ser desenvolvido na escola. Se isso for bem realizado, isso vai aumentar o número de participantes, é lógico, mas o grande problema que nós temos hoje está centrado, na minha opinião, na escola. A escola hoje, o esporte não é bem praticado, desenvolvido, apoiado, fomentado e isso traz logicamente um abandono da prática, digamos assim. Hoje o interesse das crianças e dos jovens não está centrado no esporte, não tem essa intervenção, e o professor não está motivado e capacitado –lamentavelmente-para desenvolver o esporte na escola com qualidade. Uma coisa para compartilhar... Bom, eu te dei esses dados em relação aos professores que poderiam trabalhar, é o professor Arena⁸, o professor Giacomini⁹, tem outra pessoa que trabalhava com o feminino, no estado, mas eu não estou lembrado do nome dela, mas o Giacomini deve conhecer.

S.A. – Aqui do sul?

P.G. – Aqui do sul, aqui do Rio Grande do Sul.

S.A. – O Iradil¹⁰?

P.G. – O Iradil é o Presidente da Federação. Ele tem logicamente uma bagagem muito grande.

P.G. – Tem o professor Sérgio¹¹ também, que é de por aqui perto, trabalha em uma universidade, mas no feminino, eu não estou lembrando, foi jogadora durante muito tempo, foi jogadora durante muito tempo, foi uma jogadora de muita qualidade, muito destaque, mas eu não estou lembrando, eu realmente não estou lembrando dela. Tem muito tempo que eu não encontro com ela, porque ela não é professora universitária então ela não faz parte dos nossos encontros que eu te comentava.

⁸ Renato Arena.

⁹ Luiz Celso Giacomini.

¹⁰ Iradil Antonello.

¹¹ Sergio Luiz Chaves Alves.

S.A. – Ah, será que não é a Renita, aqui da FUNDERGS¹²...

P.G. – Rose, alguma coisa assim, pode ser. Como é que chama?

S.A. – Renita Dametto.

C.M. – E agora ela coordena a FUNDERGS que é...

P.G. – Sim, sei o que a FUNDERGS, o Celso Giacomini já foi diretor lá. Pode ser que seja ela, eu não saberia te dizer. Mas aqui nós tivemos, era uma jogadora que jogava de armadora central e foi uma das melhores jogadoras do Brasil durante muito tempo, e era aqui.

S.A. – Isso em que época?

P.G. – Nos anos 1990.

S.A. – 1990.

C.M. – É, talvez seja mesmo.

P.G. – O Professor Arena não te comentou?

S.A. – Não. O Professor Arena eu tive uma conversa com ele inicial para ver se poderia pesquisar com as meninas do time dele. Ele me disse de algumas iniciativas das categorias de base que tem em Capão da Canoa, em Osório, tem a UCS¹³.

P.G. – É, vocês tem aqui em Caxias, em Caxias do Sul, tem o professor que acho que chama Guilherme¹⁴.

¹² Fundação de Esporte e de Lazer do Rio Grande do Sul

¹³ Universidade Caxias do Sul.

¹⁴ Nome sujeito à confirmação.

S.A. – Ali é o Gabriel Citton.

P.G. – Isso, o Gabriel. O Gabriel tem trabalhado historicamente com equipes femininas. O Gabriel pode ser um bom apoio nessa questão do resgate da memória do handebol feminino daqui, porque ele sempre trabalhou com o feminino e deve conhecer então a história dessas jogadoras.

S.A. – E ele agora parece que está como técnico da Seleção Juvenil.

P.G. – Sim, ele é técnico da Seleção Juvenil; ele já foi técnico da Seleção de Cadete, ele já tem vários anos que ele está trabalhando e com bons resultados, a nível internacional inclusive. Com essa equipe dele e com a seleção, então, ele é um bom ponto de contato.

S.A. – Com ele eu já entrei em contato, mas ainda não consegui sentar e conversar.

P.G. – Ele é uma pessoa muito solícita, mas eu não estou lembrando realmente o nome. E aquilo que eu te comentava, o professor Shyko¹⁵ de Alagoas, que ele foi durante dez anos treinador do feminino e o professor Elói Zamberlan.

S.A. – Elói Zamberlan.

P.G. – O Elói foi por muito tempo e tem outro professor que foi treinador do feminino depois do Elói, que o Shyko foi treinador junto com ele, se foi auxiliar técnico durante um tempo e depois ele foi treinador, ele ficou como treinador. Mas tem o Elói e tem outro professor, mas ele está em Alagoas. Em Alagoas não, na Confederação Brasileira, ele hoje é responsável pela questão de competições, de campeonato, organização de campeonatos, etc, lá na Confederação. Ele foi também durante muito tempo treinador do feminino e ele foi durante um bom tempo treinador do feminino e trabalhou aqui no Rio Grande do Sul.

S.A. – Na internet eu consigo achar...

¹⁵ Francisco de Assis Farias.

P.G. – Digenal¹⁶ esse é o nome dele, lembrei.

S.A. – Digenal.

P.G. – Eu acho que o apelido é Cerqueira mas eu não lembro ao certo. O Digenal, o Shyko e o Elói foram durante muito tempo treinadores de seleções nacionais. E Elói foi treinador dessa mulher que eu estou te colocando, que foi uma das melhores jogadoras do Brasil nos anos 1970 e 1980.

S.A. – Bastante nomes...

P.G. – É, ai você tem que estar permanentemente agora tentando ver como organiza essa história do handebol feminino. A professora Heloisa tem feito um levantamento e tem um livro Manual de Handebol. Vocês tem o livro Manual de Handebol, tem que olhar se tem na biblioteca, eu acho que é um livro interessante porque ele vai te dar os pontos de partida do Handebol como um todo. E ai depois vocês podem agora ir pesquisando, porque não temos pesquisa, isso foi um desafio colocado pela professora Heloísa nesse encontro de handebol. Em vários estados tem vários professores de Handebol, que levaram a tarefa de fazer com os alunos o resgate da história do handebol no seu estado. Por exemplo, no Tocantins, quando começou o handebol no Tocantins? Não tem, a Confederação tem preocupação com isso, mas nunca fez nada concreto, só preocupação. Agora nos encontros de handebol nós já levantamos com base no trabalho da professora Heloísa, em São Paulo, também que foi em Minas, por exemplo, que é o meu estado, nós já temos um levantamento de São Paulo. Minas tem um levantamento de Alagoas que é do professor Shyko, tem um levantamento do handebol em Aracaju, que é outro local onde a Confederação está, mas faltam os outros estados.

S.A. – Aqui foi publicado o Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul e eu conversei com a professora Janice¹⁷ que foi a responsável pela organização e ela disse que não teve ninguém interessado em trabalhar com o handebol.

¹⁶ Digenal Cerqueira;

C.M. – Em Goiás teve?

P.G. – Em Goiás muito pouco.

C.M. – É, porque na época que eu fazia faculdade, eu fiz lá, e o handebol tinha um time forte lá, mas já faz algum tempo, então, eu acho que o time acabou, mas tinha várias pessoas envolvidas no handebol.

P.G. – Tradição, tradição em São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas. Esses são os estados com tradição. Brasília, tem um pouco e agora no norte nordeste: Alagoas, Aracajú, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, eles tem um campeonato de handebol escolar lá; eles tem os campeonatos no norte nordeste e é impressionante o que se joga no colegial, naquela região é muito forte, mas a nível colegial, não ao nível clube.

C.M. – E das iniciativas assim de prefeituras, iniciativa pública também não tem muito?

P.G. – São muito pontuais, por exemplo, na época em que o Elói era treinador ele contava com apoio de uma Prefeitura. Na época em que o Digenal era treinador ele contava com o apoio de uma prefeitura, mas aí foram morrendo os apoios, os incentivos, sem dinheiro esporte de alto nível torna-se difícil. Na época em que o Celso era treinador ele tinha o apoio da Universidade Federal de Santa Maria, mas vai morrendo o apoio, acaba o esporte. São situações políticas e ai...

S.A. – Vai se terminando.

C.M. – Passa a gestão, passa o...

P.G. – Eu não lembro exatamente quais eram os municípios, Cambé, durante muito tempo foi com Elói, Cambé, onde que é isso? É por aqui?

¹⁷ Janice Zarpelon Mazo.

C.M. – Imbé?

P.G. – Cambé, Santa Catarina?

S.A. – Vou procurar.

P.G. – Adroaldo, onde é que fica Cambé¹⁸? A cidade de Cambé? Santa Catarina ou Rio Grande do Sul? Paraná? Ai esteve original também.

S.A. – O que eu tenho percebido com as pessoas que eu conversei é que se fala muito no handebol escolar de competições escolares, mas quando vai fazer essa ponte para clube não tem, se quebra e se perde.

P.G. – Ao contrário, foi um prazer, espero ter ajudado de alguma forma. E nessa trajetória lá no Paraná foi muito forte, tem uma pessoa, dois, três nomes que eu posso procurar. No COB - Comitê Olímpico Brasileiro – tem o Edgar Hubner e Décio Calegari, bem como o professor Miranda, organizador dos encontros de handebol em Curitiba, por mais de 20 anos ininterrupto s. Décio Calegari é professor em Maringá, no Paraná, vai ter muita gente no Paraná, mas acho que Santa Maria com o Celso ele pode te dar informações, bem como o Iradil, e o Sergio também.

S.A. – E lá também tem, não sei se o senhor conhece, o Clery¹⁹.

P.G. – Clery, sim. Clery Quinhonez.

S.A. – Isso, ele tem bastante coisa também.

P.G. – É, ele tem toda a história de Santa Maria ele tem, o Clery Quinhonez, digamos assim, é uma história viva.

S.A. – Professor, muito obrigada.

¹⁸ Paraná.

P.G. – Por nada, à vontade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

¹⁹ Clery Quinhones de Lima;